



Palavra Quase Muro



A EDIÇÃO ORIGINAL DESTA OBRA
TEVE A TIRAGEM DE CENTO E CIN-
QUENTA EXEMPLARES, IMPRESSOS
NAS OFICINAS DA GRÁFICA BANDEI-
RANTES, NUMERADOS E VENDIDOS
SOB ENCOMENDA.

Exemplar nº.

ISBN 859039335-6
© 2008 DEMÔNIO NEGRO
Rua Aimberê, 597 - cj. 04
05018-010 - São Paulo - SP

EDITOR: VANDERLEY MENDONÇA
vanderleymeister@gmail.com

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

Palavra Quase Muro





“Eu vi o Cordeiro de Deus chapado”

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte não é apenas um tarado mental (todo escritor é, em certo sentido). O que quero dizer é que sua poesia, “desejo explícito”, recusa divisões, cristãs ou platônicas, mente e corpo, universidade e rua, centauros e sonetos, Augusto de Campos e Roberto Piva, Cristo e Agni Tara, vedas e novenas. Como se num *sex shop* da sintaxe, Vicente corporifica sua busca – e esse é o ponto – sexualizando a linguagem, fuçando com a escrita os decotes de tudo, Teseu e Minotauro no espelho um do outro.

Nada mais apropriado, portanto, que o conjunto de textos que abre este “Palavra Quase Muro” leve o subtítulo de “Aparato estranho”. O próprio autor, aliás, é uma figura estranha: um doutor em Semiótica de braços tatuados que no seu primeiro livro de poemas, “Retrato do Artista enquanto foge”, escreveu: *“antes mesmo que/ você diga Auschwitz/ o poema surge”*.

Nutridos de uma espécie de visão “pan-mitológica” – *“que animal da arca carrega o fardo?”* – os poemas aqui reunidos, entre o rigor e o desregramento, o gestado e o cuspidado, parecem obra de um, sei lá, delinquente do cosmos. Alguém que não tem o menor pudor em botar, na sala de mal estar da civilização – *“chupa meu pau Sulamita”* – seu bacanal urbano-erudito de sexo, drogas e inteligência. O corpo – e, talvez, a poesia – como forma privilegiada de conhecimento, a faísca dos encontros, a última comuna do sagrado.

Marcelo Montenegro





aparato estranho





delinqüir
explode na língua
o /ê/ fechado
o /i/

)delinqüente(

te quebro a cara
te quebro os dentes

para Del Candeias

chupa meu pau Sulamita
fica de quatro Margarete
repete que sou o dono
uma de cada vez
Margarete Sulamita
duas de uma só vez
Sulamita Margarete

quando chega a primavera
Margarete Sulamita
Sulamita Margarete
dois beijos duas damas
duas de uma só vez

para Ana Rüsché

a mulher e sua gaiola
isenta de seu vestido
o ferro torcido, a rosa
agora é ferro torcido

em grades, quadrados, riscos
jaula de ferro fechada
nua, em sua gaiola
uma mulher enjaulada

desfruta, como ave rara
os oito cantos do cubo
as seis paredes do espaço
das grades, como machuca

o canto estreito da nuca
altiva, cabeça baixa
abraça as pernas cruzadas
o frio do ferro abraço

A noite dava com mil luas.
 O frio,
 inverno em meio a julho
 no hemisfério sul.
 Na cidade de São Paulo, chuva,
 o Vale do Anhangabaú,
 e sobre o vale
 o viaduto do Chá.
 Toda noite a Lua sobe
 diferente,
 a mesma face sempre variada,
 lenta e exata;
 Noite após noite,
 satélite,
 começou a intrigar-me
 “Desce!
 Chega de brilhar!
 Você aí, flanadora,
 e eu aqui, a inventar
 histórias”
 “Espera!
 Desce aqui para fumar um beque”
 e a Lua desceu
 na mesma hora.

Fumou e revelou-se em partes
para uma noite a blusa,
em outra noite,
as meias e os sapatos.
“Você pensa
que brilhar assim
é fácil?”
diz a Lua a passear
descalça
sobre o meu telhado.
Tão fácil como viajar no espaço
através do céu nublado.
Brilhar escondida
nos quartos,
brilhar para ser vista
no desejo explícito
sobre o asfalto sujo e
a praça.
Quem há da dizer?
“Brilhar com formosura!”
diz a Lua, encantada,
tanto faz o
quarto.

pense no aparato estranho para dar um trato

às vezes um pedaço de corda
uma algema

às vezes um botão
às vezes um rato

o chão assoma como uma avalanche
rápido

o ato repetido perde a graça
fale

tomar o céu de assalto
alto

Te agrada a probabilidade, Nice,
o dado, o lance, o hábito da trova,
a solução retórica que insiste
serenamente, vã, aletatória?
Manobra, Nice, a confusão da
elipse, sugere a submissão da
musa, escolhe a foto na internet
pronta pra ficar disposta a noite
toda. Devota, faz da coisa um culto,
experimenta todos os decotes,
a saia curta e os cabelos curtos.

Dados, Nice; evita-se a mesmice
se você se atreve... a carta nova
muda... Perdida!... você mesma disse
que valia agora. Nice, a corda
feito cobra a se enrolar no chão da
sala, a promessa pelo vão da
prosa, você se livra do decote
ou se descalça, a escolher a parte
que você mais gosta. Batom escuro,
seio rosa ou unha com esmalte,
a saia curta e os cabelos curtos.

Um lance de dados, Nice, e foi-se
o tempo em que você ganhava. Chora!
melhor seria se não se vestisse...
a roupa, fácil, vai-se sem demora...
Castigos, Nice! confirmação da
outra face dada na inversão da
foda que você faria. Chicote,
senhora das agulhas e dos cortes,
hoje sobre as suas costas. É justo,
amarrados pulsos, mas'inda veste
a saia curta e os cabelos curtos.

Outra derrota, Nice, não desiste,
quem sabe dessa vez?... outra derrota.
Em dívida outra vez? Reclama, cisne,
protesta contra a sorte, canta, cora.
Lenço de veludo, dicção da
trova interrompida, invasão da
boca cor de rosa. Indiferente?
Os pés descalços, no tapete, rentes...
os tornozelos amarrados juntos...
encanta, Nice, a trazer somente
a saia curta e os cabelos curtos.

Sossega, Nice, antes insistisse
em terminar o jogo antes da hora:
as águas rolam dos seus olhos tristes,
a brasa acesa há de queimar as solas
dos seus pés, expostas; fricção das
franjas dos chicotes, criação das
mentes perturbadas. Ainda é noite,
Nice... calma... o tempo do açoite
passa diferente... o toque agudo,
a pele machucada docemente,
a saia curta e os cabelos curtos.

Fica indignada, Nice, resiste;
finge que você não gosta, consente;
a dona escrava, meu caralho duro,
a pele avermelhada pula, freme
a saia curta e os cabelos curtos.

panorama da janela acima
vizinha

da camiseta cavada
mesmo no dia frio

mulher da cintura pra cima

divisa da janela abaixo
sozinha

as pernas cruzadas no sofá
me dita

mulher da cintura pra baixo

todo dia a mesma tarde
nenhuma surpresa
na hora da ladeira imensa
terça feira no final da tarde;
hoje, uma surpresa
na flor da idade
uma mocinha parada
como se esperasse...
estátua nova, nubente
violentamente fixada;
o cabelo em desalinho, virada a cara,
o braço vira asa de vaso na cintura
- os pulsos nus, a perna inteira nua –
o pé descalço no balé moderno

letra K

uma mocinha parada na calçada

a linha corre na geometria da pose

a perna em L

o pé na base da letra

suporta a linha reta, a curva da cintura

a tarde e os cabelos, na altura dos ombros

o braço para o alto

Voa

parada de pé

no chão

e entre a calçada

Nada



ela quando se corta
quando se coloca inteira

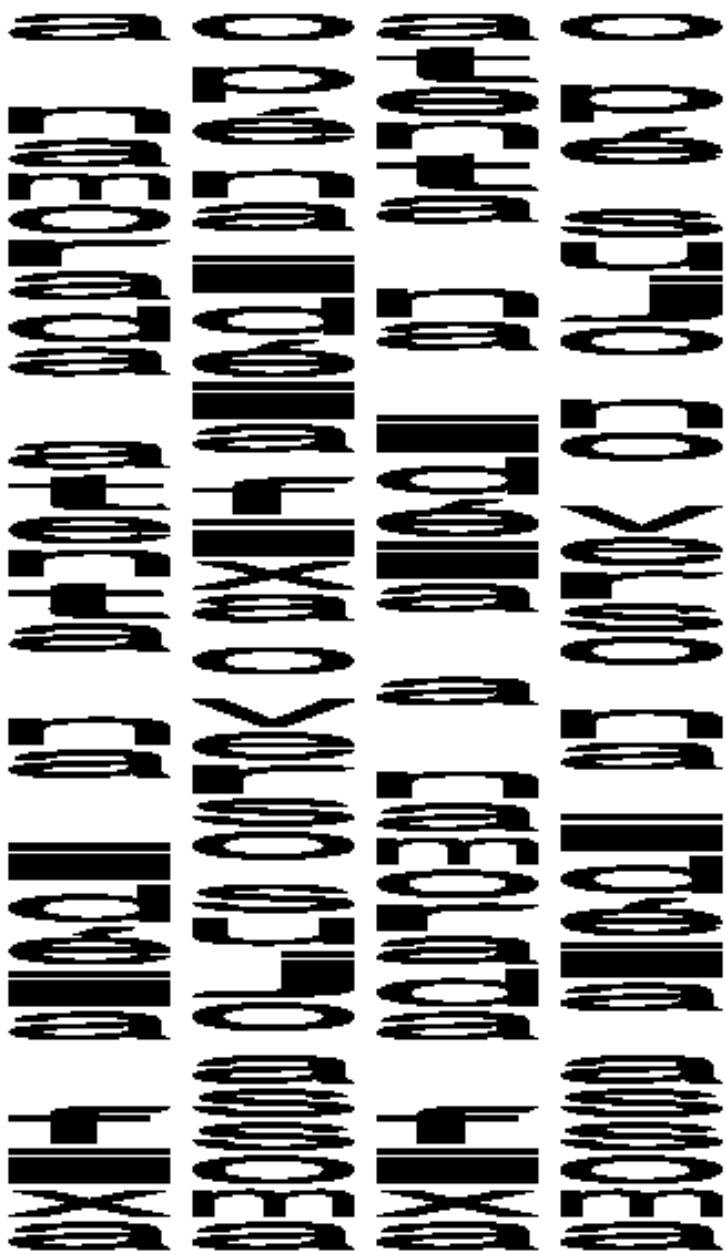
gaivota que caiu no mato
pelicano bico o próprio Cristo na cruz
varado de lanças e de espinhos

cada corte dá figura a um lábio
uma boca
para cada lado *que se olha*

branca rosa bem vermelha
) no escuro o sangue fica preto
o vermelho turvo (

boca lábio *escuridão* bocetas





um ósculo obtuso
dado de outro lado

escuso
durará enquanto o vento dura

em quanto vento cabe
no espaço agudo
de um lábio
escuso

u m b e i j o v i s c o s o

m a r c a d e b o c a á v i d a

beijo de lábio transversal carnudo

sudário do demônio mudo guardado na boceta

m a r c a d e b o c e t a s u a r e n t a

n o s u d á r i o a b e r t o

a b a i x o d o s p e n t e l h o s

vamos contar os dias, Contador
vamos fazer orgias no centro da cidade
você declama poesia para as putas
eu acendo a brasa dos cigarros

fabula a peça de teatro
traduz outra novela do Marquês de Sade
Santa Tereza, Augusto
e a mocinha esperta do centro da cidade

para Augusto Contador Borges

a ira, Deusa, celebra do
movimento tenso
o espaço vago entre um prato

tapa

CRava a ponta do dedo **meX**e

celebra

o limite do braço

CRASH

o movimento do rosto

pang pang pang

tomba

tonto no tan tan maneiro
transe no tan tan maluco
fera há de passar na Terra
pra te ouvir

BUM

descarrega a Ira
tronco da sequóia
VarA

para Zé Eduardo Nazário

poligonia do soneto

para E. M. de Melo e Castro



névoa... essa fumaça... num papel
de seda, a língua da musa cola...
aperta... finge que já vai embora...
a fumaça... a musa... o papel...

fumemos, minha doce amiga... eu
numa ponta, você na outra... tira
as meias e os sapatos... traga... vira
de lado... minta... finge que esqueceu...

uma embriaguez me fez arauto... uma
lucidez... fumaça, musa, papel...
seu pé descalço... seu cabelo-bruma...

parceira, vai mostrar estrelas... céu...
os recifes, as ondas, as espumas...
o verde-erva... branco do papel...

poligonia do soneto I

palavra quase muro
declama
poesia vagabunda para
os vagabundos
se avacalha e
se esculhamba feio
pala quase

grave
quem souber se salve pela
madrugada
grita, grifa, grafa
grava
quase nenhuma palavra
amena
quase cadeia, a

palavra imensa
escrita sob
a inspiração das drogas
o que
comiam os centauros em plena

Grécia antiga
dando o cu nos mic-
tórios
meninas esfarrapadas
definitivamente fantásticas

poligonia do soneto II
para Rogério Sganzerla, Augusto de Campos e Roberto Piva

quem diz que a droga mata anda errado
tampouco, acerta aquele que comenta
“usuário dá dinheiro a traficante,
promove, com seu vício, a violência”

prefiro dar dinheiro pra bandido
que vende, honestamente, seu produto
se pago imposto, não recebo nada,
sustento deputado vagabundo

violenta é a fala da polícia,
que fuça, no meu bolso, feito rato,
aumenta, com propina, seu salário;

a erva que se fuma só acalma,
trabalho mata mais do que cigarro,
por isso que eu fumo pra caralho!

poligonia do soneto III

o menino pequeno de capacete preto
um capacete preto de motociclista
mal cabe na cabeça dele
e cabe

parado de capacete preto
no meio da rua o menino impõe respeito
a cabeça é de robô
no capacete preto
o olho mecânico admira o resto

biônico, vai dominar a rua
o ciborgue de cérebro eletrônico
vai calcular a fórmula do mundo

tudo isso no capacete preto
junto da gramática e das namoradas

poligonia do soneto IV

o que é a vida? a morte? o
terror invadirá, leitor, sua mente

incauta
te fará incoerente
te tornará farrapo desumano

delira
o terror nos olhos do
outro te excita? o pau já sente
duro ao encarar o inferno? demente
escreve um monte de bobagem no

papel em branco
não corta mais as
unhas as barbas os cabelos não
entende nada além do desespero

promete àquela puta que serás
estrela tira a roupa dela
mão
no sutiã no dia do enterro

poligonia do soneto V
para Zé do Caixão

eu vi o cordeiro de Deus chapado
a medusa alada no centro da
cidade vai pisar na cara da
poetisa lésbica
sadomasoquista
e cheirada

parecia bunda de mulher
o travesti galante
e drogado
o cordeiro de Deus de salto alto
e as meninas do centro da cidade

granizo esticado no asfalto
cintila! levarei a sua alma
e o cordeiro de Deus algemado

parecia bunda de mulher
parecia açúcar
eu vi a puta sadomasoquista
no centro da cidade

poligonia do soneto VI

olho de corvo pelo chão da sala
na procura de algo curioso
sobre a pluma do tapete persa
detalhe pala do olhar diverso
porque tanta atenção na pluma clara
a parte inferior do porte airoso
dez gomas de morango duas asas
barra da calça antes do tornozelo
bala de mel cabelo cacho de
colméia olho cor de mel e leite
batido com groselha nos cabelos
a nata do tapete persa de
desenho raro vôo no tapete
mágico soa pela pluma pleno

poligonia do soneto VII

do fundo da bunda abruma
no oco do cu deleite
na boca trinta e dois dentes
a Lua a Lua a Lua

inseto, vou comer sua cabeça agora
coruja, pia intensa pela madrugada
a hora que te conheci
filha da puta filha da puta

maré cheia
água
meio vermelha meio salitrosa

meio podre essa
água
salitrosa

poligonia do soneto VIII

o sopro sombrio que assolava sua casa...

a brisa maneira da vizinha
parecem duas pêras os seios planos da menina
parece visita

sem demora
vai te contar histórias
muitas são ainda melhores do que se imagina
o ditador mutante e a concubina

muda de rosto de repente
muda de voz
então suspira

a perna dura do soldado
antirradioativa
e a bailarina em chamas, pira

poligonia do soneto IX





novena





varna

que significa casta
também significa cor

só para os Devas

- poeta -

no tempo em que os poetas dominaram o mundo

eu canto Agni

cume e caminho

magnifico Agni

voz do sacrificio

a desfaçatez da casta

ou a saudade dos poetas de hoje

do tempo em que os poetas dominaram o mundo?

irmão Fogo

brasa do cigarro acesa

asa do carvão

sopro do carvão ao vento
na fumaça preta

irmão bomba

a explosão de fato

plasma
no espaço cósmico

qual será o pássaro do ramo?
que animal da arca
que carrega o fardo
irmão Fogo?

irmã Lama

servirá para delicadeza
do andar de santa

a menina às avessas
afeita a só usar vestido
saías de seda e renda
e de andar descalça
e de cabelo solto

irmã planta

em movimento curvo
no passeio úmido

não sou afeito à poesia extática

não consigo fruir dos seus efeitos
quem sabe é um defeito meu

só não esqueço do sexo
quando escrevo

fico desatento
me perco

a erva doce bruma
cabelo do dragão vermelho
engole planeta por planeta

os anéis de gelo
magnitude dos buracos luminosos
e dos buracos negros

Purusha
desce pela madrugada
no jardim suspenso
a acácia enamorada já machuca o cravo
ávido da sinfonia dos canários
dos sapos e dos mochos

como fica, Cristo,
o romano
que te mete a vara?

não fica

) ressuscitar alguém não basta?
o pão? o peixe? o vinho?
os cabelos? (

Roma passa
como passa
a imagem do sudário

até você, feito cachorro
passa

sobre tudo isso
fico
maldito
como sempre
Cristo

irmão Noite

que já tece a calma

irmã Lua

reclama

a noite alta que te põe em sobre

salto

irmão Muro

irmã Pura

o verso mais antigo do planeta soa

a taturana branca

e

o nariz nervoso

irmã Erva
a pesar dos tiros da polícia
nos salve desse mal estar
da civilização falida

irmã Água
que permite a vista

não é terra, é sal
no azulejo incerto da piscina

sua perna sempre em movimento
seu olhar de plástico

eu navio atrás
como quem busca peixes

enquanto você fala
por debaixo d'água

pelos seus joelhos
irmã Água
irmã Água

irmã Cinza
não significa morte
irmã Morte

irmã Cinza só será complexa
) cor da nuvem chumbo sobre o dia frio (
no skunk verde
no haxixe preto
na tulipa cinza



A DICÇÃO DO POETA ARQUITETO EM
ANTONIO VICENTE SERAPHIM PIETROFORTE

Camila Ribeiro

Para o leitor que não abre mão de conteúdo bem trabalhado e inventividade na forma de expressão, *Palavra Quase Muro*, de Antonio Vicente, chega às livrarias feito prato saboroso. Como pensadas por engenheiro, as poesias do autor se sustentam em estruturas firmes e sutis; como pensados em partitura, seus versos ritmados e muitas vezes cuidadosamente escandidos ressoam na folha de papel. O professor de lingüística Antonio Vicente Pietroforte nos revela, afinal, seu lado arquiteto.

Por arquiteto, que se faça valer a definição semiótica. Retomando o artigo do próprio autor “Você é lingüista ou pregador? Elaboração de uma tipologia estilística dos poetas brasileiros contemporâneos”, o lingüista-poeta nos dá pistas sobre o poeta-lingüista. Basicamente, a proposta do artigo é organizar a produção literária brasileira contemporânea não por meio de movimentos estéticos, mas em regimes de identidade, os quais são estabelecidos por meio da articulação da categoria formal *continuidade vs. descontinuidade* aplicada à forma de como a palavra pode ser trabalhada no discurso poético.

Desse modo, haveria pelo menos quatro tipos de regimes poéticos: o que afirma e o que nega a continuidade; o que afirma e o que nega a descontinuidade. Cada um desses regimes recebe

um nome, respectivamente, são os regimes dos poetas pregador, arquiteto, lingüista, e conversador.

Afirmando a continuidade da palavra, o poeta pregador tem como exemplo Roberto Piva, com seu fluxo prosódico construído em versos livres e figuratividade delirante. O poeta lingüista, afirmando a descontinuidade, prefere decompor o discurso segmentando palavras, revelando morfemas e abusando dos recursos gráficos. É o caso de Arnaldo Antunes e Augusto de Campos.

Já o poeta conversador, sendo aquele que nega a descontinuidade, aproxima sua palavra da prosa, de forma a tanto não recorrer aos cortes morfo-fonológicos do poeta lingüista, quanto ao delírio figurativo e prosódico do pregador. Temos como exemplo as poesias de Cuti.

Por fim, chegamos ao regime do autor de *Palavra Quase Muro* – negando a continuidade, revela-se o poeta arquiteto. Para negar a continuidade da palavra, o recurso desse regime é estabelecer princípios de regularidade em seus poemas, como a fixação de métricas silábicas, rimas, escolha de estruturas canônicas como sonetos, haikais, etc.

Em *Palavra Quase Muro*, Antonio Vicente ratifica a arquitetura já presente no seu primeiro livro de poesias *O Retrato do Artista Enquanto Foge* (2007). Dividido em três partes – “Aparato estranho”, “Poligonia do soneto” e “Novena” – *Palavra* é recheado de pequenas doses de inventividade e da habilidade do autor em passear pelas mais diversas formas de estruturação poética.

Na primeira parte de *Palavra* – “Aparato Estranho” – é possí-

vel destacar ao menos cinco poesias merecedoras de maior cuidado em sua leitura. Em “Delinqüir...”, poema de abertura, há a tematização da conformidade entre a expressão da palavra “delinqüir” e o conteúdo construído na poesia. A estrutura fonológica de “delinqüir” é exposta de modo a revelar sua semelhança com a explosão produzida por um murro nos dentes – além da própria rima de “delinqüente” com “dente”.

Em “A noite dava com mil luas”, o autor não abusa da construção ritmada nem da tematização metalingüística, mas sim da intertextualidade de sua poesia com o poema de Maiakóvski “A extraordinária aventura vivida por Vladímir Maiakóvski no verão na datcha”. Enquanto esse conversa com o Sol tomando um chá, aquele conversa com a Lua fumando um beque. Transpondo espaço e tempo, a lua de Antonio Vicente passeia no inverno de São Paulo, debaixo de chuva, sobre o asfalto sujo.

Seguindo adiante, depara-se com “Te agrada a probabilidade, Nice...” – poema construído nos princípios do parnasiano *canto real*. Confirmando a vocação de Pietroforte para a arquitetura poética, o poema é composto por cinco estrofes de onze versos de rimas *ABABCCDDEDE* e um estribilho de cinco versos; “Te agrada...” tematiza, por meio de estrutura tão rígida, o fetiche sado-masoquista, o bondage e a podolatria – conteúdos recorrentes na prosa e poesia do autor.

Ainda em “Aparato”, temos “A namorada atenta na idéia fixa” – poema abusado em sua forma gráfica, que relaciona os pés da namorada (partes do corpo no fetiche exposto) com os pés dos

versos (todos de doze sílabas poéticas) que assomam, na expressão, enquanto ela assoma no conteúdo. Desse modo, ainda na primeira parte de *Palavra*, somos surpreendidos pelos mais diversos aparatos estranhos feitos poesia.

“Poligonia do soneto” – segunda parte do livro – porém, mostra-nos não a habilidade do autor em passear por diversas formas poéticas, e sim a variação precisa que o arquiteto opera na forma canônica do soneto. Inspirado no livro homônimo de Ernesto Manuel de Melo e Castro, em que o poeta também rediscute a estrutura do soneto por meio de pequenas variações em sua forma, Antonio Vicente não apenas desaparece com as estrofes, ou abole a métrica, como também desconstrói seus versos, fazendo-os se derramarem pela página. É o caso de “Poligonia do Soneto II” em que, aparentemente, a estrutura de dois quartetos e dois tercetos do soneto é violada. No entanto, os versos estão desconstruídos de modo a escaparem para a linha de baixo, criando uma espécie de *enjambement* gráfico.

Ao longo dos nove sonetos da poligonia de Pietroforte, encontramos sonetos clássicos; sonetos sem corte de estrofe; sonetos apenas metrificados, mas não rimados; sonetos com estrofes de distribuição desequilibrada e assim por diante. Fica aos leitores o desafio de se aventurar pelas variações do arquiteto, descobrindo sua engenhosidade.

Para fechar *Palavra*, o poeta nos propõe uma reza. A última parte do livro, intitulada “Novena”, trata dos mais diversos temas – como a crítica aos poetas saudosos da “alta poesia”; a recusa do autor pela poesia extática e seu gosto por tematizar o sexo; além

de rezas dedicadas ao fogo, à lama, à erva, à água e à cinza.

Obviamente, a poesia do autor não se esgota apenas na estruturação da forma da expressão, há muitas delícias em seu conteúdo. Aliás, o trabalho poético de Pietroforte ganha vida exatamente nessa tensão entre a arquitetura de seus poemas e a temática singular e muitas vezes inusitada.

Não se pode ler Antonio Vicente sem reparar em suas descrições primorosas do corpo feminino – como em “Todo o dia a mesma tarde” – seu gosto por tematizar as drogas e os mais diversos fetiches e, por fim, na presença recorrente de figuras cristãs e pagãs em seu discurso poético.

Palavra Quase Muro é um convite ao leitor para um passeio pelas estruturas poéticas finas e cuidadas de Antonio Vicente Pietroforte.

CAMILA RIBEIRO é bacharel em Português e Lingüística pela Universidade de São Paulo, onde faz mestrado em Semiótica e Lingüística Geral.

